

Uma cabeça sempre a prêmio

JORGE CARTAXO
Da Editora de Política

6 NOV 1984

Apesar das segundas declarações, partindo dos mais altos dirigentes da Frente Liberal, desmentindo as especulações em torno de uma possível retirada da candidatura do senador José Sarney à vice-presidência da República na chapa da Aliança Democrática, um fato permanece claro, irresponsável e indesmentível: o caráter ambíguo da Frente Liberal, que, somado às peculiaridades da origem e do comportamento político do senador Sarney, permitiu que sua cabeça sempre estivesse a prêmio no jogo sucessório, desde o primeiro momento.

A fragilidade da candidatura Sarney mostrou-se no ato da própria escolha. Após um contato por telefone com o ministro Leitão de Abreu, quando reafirmou a irredutibilidade do seu gesto dissidente, o vice-presidente Aureliano Chaves, com a sua habitual intempestividade, ligou para Tancredo Neves e disse: "O acordo de Minas está feito e o nosso candidato à vice-presidência é o senador José Sarney". Aureliano desligou o telefone e comunicou a sua decisão a Sarney, que, perplexo, ainda procurou ponderar: "Mas nem sequer me consultei, além do mais a minha candidatura trará problemas jurídicos". Resoluto, Aureliano insistiu concluindo a decisão: "Pelo menos por agora, você será o candidato; se não der certo, colocaremos outro". Assistindo a conversa, Marco Maciel, o candidato natural, resguardou-se preservando a sua cadeira no Senado e a sua reconhecida e admirada liderança política.

Jogado ao centro da arena de luta, Sarney foi alvo das esquerdas, que viam nele, com razão, o emblema, na aliança sucessória, mais reluzente que o modelo político implantado em 1964 criou para o País. O grupo pau-

CECE



José Sarney

lista, por sua vez, tentando fazer o vice-presidente — provavelmente o ex-prefeito Olavo Setúbal — jogou duro contra o nome de Sarney. Nesse outro flanco contra Sarney, era visíveis as mãos habilidosas de Tancredo Neves, que esquentou o jogo soprando o nome do senador Luiz Cavalcanti (AL), coronel do Exército, para a vice-presidência na chapa da Aliança Democrática. O líder mineiro insinuava um segundo nome, na verdade para conseguir um terceiro, se possível o nome forte e inatacável do banqueiro Olavo Setúbal. Na outra ponta, levantaram-se os mafufistas e o Palácio do Planalto contra o senador maranhense. Traidor foi o adjetivo mais brando que praguejavam contra Sarney nesses arraiáis, desde a sua renúncia à Presidência do PDS e a sua adesão à Frente Liberal.

O punho firme de Aureliano e a inegável habilidade e inesperada coragem política de Sarney lhe asseguraram a posição de vice-presidente na chapa da Aliança Democrática. Não era com exagero que, no auge da turbulência, José Sarney escrevia a dava declarações comparando-se com São Sebastião, "amarrado e crivado de flechas por todos os lados".

Mas ninguém sai ileso depois de navegar em

águas tão turvas. O preço da vitória foi a fragilidade no posto. A própria Frente Liberal, diante da tubulência, hesitou em apoiar com a firmeza devida o nome indicado sem consultas por Aureliano Chaves para representá-la na Vice-presidência da Aliança Democrática. Não foi por acaso que o deputado Israel Pinheiro, num desses momentos de síndrome golpista, confessou à imprensa a proposta de retirar Sarney para facilitar um acordo com o Planalto, jogando para o cargo o ainda indeciso Nelson Marchezan.

Num misto de ódio e de acuidade política, o Planalto percebe a fenda e joga duro sobre Sarney no episódio do Maranhão. Enfraquecê-lo completamente era a intenção. Nesse momento, revela-se mais uma vez a dubiedade da Frente Liberal em relação ao seu candidato. Não houve nenhuma articulação mais ostensiva por parte da Frente para resguardar o nome e a respeitabilidade que Sarney mereceria, se não pela sua liderança política, mas pela importante função que ocupa no complicado xadrez do acordo do PMDB com a dissidência do PDS. O Planalto sofreu um desgaste na luta feroz pelos delegados do Maranhão, mas marcou um ponto no frio jogo do poder. Sarney, praticamente, não agregou nada à Frente Liberal, considerando o cargo que deverá ocupar se for vitoriosa a Aliança Democrática.

Os novos boatos, ao que se sabe, surgiram de uma conversa entre o ministro Delfim Netto e Costa Cavalcanti na inauguração de Itaipu, devendo ter as mãos silenciosas de ministro Leitão de Abreu e o conhecimento prévio do líder do PDS, deputado Nelson Marchezan, são simplesmente decorrência desta constatação: Sarney é um homem frágil na Frente Liberal. As frias razões de Estado podem derrubá-lo.